

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Organização de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 1782 p.

Dezoito anos de paciência e rigor da crítica italiana Luciana Stegagno Picchio e sua pequena equipe, que contaram com a abertura irrestrita do acervo do autor por parte da viúva Maria da Saudade Cortesão Mendes, possibilitam ao leitor brasileiro o acesso ao conjunto da poesia e prosa de Murilo Mendes (1901-1975). À exceção das colaborações esparsas pela imprensa, foram reunidos textos publicados e inéditos do autor que, ao deixar o País em 1957 para lecionar Literatura Brasileira na Universidade de Roma, não sabia que iria residir na Europa até a sua morte.

Do grau de intimidade com a cultura da Itália por parte do mineiro de Juiz de Fora que em 1972 recebeu o Prêmio Internacional de Poesia Etna-Taormina, antes concedido a Dylan Thomas, Jorge Guillén e Giuseppe Ungaretti, entre outros, dá conta sinteticamente o título de um artigo da própria Picchio: "Murilo Mendes, o grande poeta italiano inédito no Brasil" (p. 1735). O livro resgata, portanto, a trajetória de um criador que, iniciado no ambiente da "revolta antropofágica", conseguiu se tornar "talvez o universalizador nato da política cultural do modernismo", conforme José Guilherme Merquior (p. 19).

Na Introdução Geral, além do ensaio citado de Merquior, se acha o da organizadora do volume, para quem, ao partir para a Europa, Murilo deixava na sua terra "uma obra poética já madura e consolidada" (p. 23). A seguir, aparecem os textos críticos de Mario de Andrade e Manuel Bandeira, pelos quais o leitor recupera parte expressiva da recepção da obra de Murilo

nos seus inícios; de Carlos Drummond de Andrade, que assinala no Etna-Taormina “o reconhecimento de uma obra que é fruto saboroso da cultura brasileira confrontada com valores universais” (p. 38); de Giuseppe Ungaretti, cujo prestígio ajudou a inserir a produção do brasileiro na cultura italiana; de Ruggero Jacobbi, um divulgador fiel de Murilo para o público italiano; de Jorge de Andrade, que, após o encontro com o poeta em Roma em 1971, o descreve: “Alto, curvado pela idade, sempre refinado, ele caminha lentamente” (41); e de Haroldo de Campos, para quem a poesia de Murilo se caracteriza pela “estilística da dissonância” (p. 43).

Ainda na Introdução Geral, o autor fala de si mesmo – “hóspede de enigmas, protegido pelo *sense of humour*, meu anjo da guarda” (p. 46-47) – em depoimentos e entrevistas. Alinham-se as homenagens poéticas que lhe têm sido prestadas, entre elas as de Bandeira, Jean Arp, Sophia de Mello Breyner Andresen, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Completam a primeira parte uma cronologia detalhada da vida e obra do autor; uma iconografia variada em que o leitor só sente falta de mais registros do Murilo jovem com seus amigos – está o maior, Ismael Nery – do modernismo heróico, “aqueles tempos fabulosos” como ele mesmo diz (p. 1250); e os agradecimentos da organizadora, que explicita o apoio à pesquisa por parte do CNR (Consiglio Nazionale delle Ricerche) e a colaboração do Governo brasileiro em trâmites da edição.

A segunda parte do livro é a obra poética feita sob o signo do “enigma, razão primeira da poesia, mallarméamente falando”, como explica Murilo (p. 1281). A produção se adensa nas perquirições do tempo e do espaço – “categorias que me obsedam” (p. 1406); do finito e do infinito; do princípio e do fim; do visível e do invisível; do uno e do múltiplo. A base surreal da poesia muriliana, haurida em André Breton, no primeiro De Chirico e em outros mestres surrealistas, bem como a nota cristã de sua metafísica, dialogam sempre com um olhar interessado, e muitas vezes cheio de humor, nas minúcias do mundo possível. O leitor acompanha o amadurecimento do trabalho de um artífice consciente: “O intelectual de verdade é sempre múltiplice; desnecessário citar a doutrina de Ezra Pound sobre a ‘máscara’, ou a de Fernando Pessoa quanto aos heterônimos” (p. 1420).

Está aí *Poemas*, o livro da estréia em 1930, que “contém in nuce todos os temas e todas as sugestões da futura poesia de MM”, de acordo com Picchio (p. 1605). O cotidiano universalizado, o “poema-piada” posteriormente superado pela ironia sutil, as fronteiras do supra-real e da realidade, o amor, o erotismo, a mulher são veios temáticos trabalhados por um artesão que se especializará, como explica Haroldo Campos, na “rítmica dissonante” correspondente à “dissonância imagética” (p. 42). Surpreende-se o poeta da época: “A lua e os manifestos de arte moderna/ brigam no poema em branco” (p. 89). Ou os primórdios do vôo surreal: “A estátua muda de camisa na praça deserta./ Arcanjos violentos surgem do fundo dos minutos,/ carregam tua vontade para o outro lado do mundo” (p. 106).

A seguir vêm, conforme a ordem de produção, e não do ano de edição, *Bumba-meu-poeta*, auto publicado pela primeira vez em livro em *Poesias* (1925-1955), de 1959, reunião da obra poética até a data, com seleção do próprio Murilo; *História do Brasil* (1932), que, com sua marcante atmosfera modernista de “poema-piada”, foi deixado de lado em *Poesias*; e *O Visionário* (1941), onde se aprofunda o surreal muriliano. O seguinte, *Tempo e eternidade*, traz a parte de Murilo na edição de 1935 feita em conjunto com Jorge de Lima, sob a insígnia “Restauremos a poesia em Cristo”. Aí surgia o poeta convertido a um cristianismo das origens, após a morte precoce de Ismael Nery, em 1934: “Eu sou da raça do Eterno,/ Do amor que unirá todos os homens:/ Vinde a mim, órfãos da poesia,/ Choremos sobre o mundo mutilado” (p. 250).

A obra poética se amplia com *Os quatro elementos* (1945); *A poesia em pânico* (1938); *As metamorfoses* (1944); *Mundo enigma* (1942); e *Poesia liberdade* (1947), “a mais comprometida com a realidade contingente, a guerra, o fascismo” na avaliação de Picchio (p. 1673): “A aurora desce a viseira:/ O monumento ao deserddado desconhecido/ Acorda coberto de sangue” (p. 408); *Sonetos brancos* (1959), que corresponde à recuperação do formalismo feita pela Geração de 45; e *Contemplanção de Ouro Preto* (1954), nova fase na poesia muriliana, com a tematização da paisagem, do cotidiano, das tradições. Aí jogos verbais e rítmicos prenunciam o concretismo de Murilo: “Lua, luar,/ Não confundamos:/ Estou mandando/ A lua luar./ Luar é verbo,/ Quase não é/ Substantivo” (p. 515).

Prossegue-se com *Parábola* (1959); e *Siciliana*, que, publicado inicialmente em *Poesias*, se tornou o primeiro livro do poeta a ser editado na Itália, em 1959. Com prefácio de Ungaretti, obteve sucesso e ressonância naquele País. Estão também *Tempo espanhol*, editado em Lisboa em 1959; as experiências concretistas de *Convergência*, lançado em São Paulo, em 1970: "Lacerado pelas palavras-bacantes/ Visíveis tácteis audíveis/ Orfeu/ Impede mesmo assim sua diáspora/ Mantendo-lhes o nervo & a ságoma./ Orfeu Orftu Orfele/ Orfnós Orfvós Orfeles" (p. 625); *O sinal de Deus*, publicado em 1936 numa edição do autor, mas retirado a seguir do comércio; *O infinito íntimo*, inédito em suas meditações transcendentais: "Pequeno é o mundo, e a lágrima o percorre/ De ponta a ponta: / E não baixa na lágrima o infinito?" (p.778); e *Quatro textos evangélicos* (1987).

Na terceira parte, o leitor conhece o memorialista, o viajante, o autor de perfis em tom de metapoesia, o esteta dedicado basicamente à crítica da pintura, mas também apaixonado pela música, a escultura, e outras artes; e o pensador da modernidade e suas crises. A iniciação de Murilo na prosa se deu com *O discípulo de Emaús* (1945), obra de caráter aforístico. Na continuidade, encontram-se *A idade do serrote* (1968); *Poliedro* (1972); os inéditos *Carta geográfica* e *Espaço espanhol*; *Retratos-relâmpago: 1ª série* (1973) e o inédito *Retratos-relâmpago: 2ª série*, ambos com perfis de artistas e pensadores, entre eles os conhecidos por Murilo, como Pound – o "poeta que, talvez mais do que nenhum outro neste século, levantou a linguagem-estrutura" (p. 1279) – Max Ernst, Rafael Alberti, René Magritte, Graciliano Ramos, e o da amiga Luciana Stegagno Picchio.

Outras produções inéditas são incluídas: *A invenção do finito*, textos de Roma sobre pintores e artistas gráficos. (Picchio informa que no acervo MM há um outro livro, em italiano, sobre pintores e artistas da Itália, a ser publicado com o título definido por Murilo como *L' Occhio del poeta* (*O olhar do poeta*); *Janelas verdes*, relato de viagem através de Portugal e perfis portugueses, entre eles os de Miguel Torga, Jaime Cortesão, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, parcialmente editado em Lisboa em 1989; e *Conversa portátil*, textos de 1931 a 1974, um livro "ainda provisório, *in fieri*", na observação de Picchio (p. 1705).

A quarta parte veicula os poemas em italiano, compostos na maioria em 1968, de *Ipotesi*, o primeiro livro do autor

publicado póstumo na Itália, em 1977; e o inédito *Papiers*, com a prosa e a poesia em francês de 1931 a 1974. A quinta parte, com suas notas e variantes, tem o escopo de atender, com relação à obra contida no volume, o caráter “variantista e perfeccionista” de Murilo, na expressão de Picchio (p. 1605). Na sexta parte a bibliografia minuciosa indica também as colaborações do autor na imprensa não abrangidas pelo volume. Nas últimas páginas o leitor conta com uma relação alfabética dos nomes de autores, críticos e tradutores referenciados no volume; e com índices de títulos e primeiros versos, além do índice geral.

Apesar de alguns problemas de editoração, o significado histórico do livro organizado por Luciana Stegagno Picchio vai além de proporcionar prazer e material de pesquisa: por suas páginas Murilo retorna a casa, através da obra viva que desdobrou lá fora seus enigmas sutis: “Guardate la morte: modernissima./ Appena salita in orbita/ è già arrivata al cosmo” (p. 1552).

Nea de Castro

Doutoranda em Letras da PUCRS